

Comunicação e História: interdisciplinaridades e enlaces

Rodrigo Gabrioti*



BARBOSA, Marialva. **História da comunicação no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. 389p.

Não é por datas e acontecimentos midiáticos dispostos em uma linha do tempo que a História da Comunicação no Brasil é contada em dez capítulos por Marialva Barbosa. São os enlaces entre Comunicação, Cultura e Tecnologia que estruturam a representação humana nos processos comunicacionais brasileiros desde a oralidade até a digitalização.

A autora nos conduz às competências de contar histórias da oralidade do século 18, marcado pela linguagem acústica que pressupõe ressonância em marcas duradouras na memória com uma Comunicação direcionada ao outro. Mas o oral se mistura ao universo das letras ampliando as possibilidades tecnológicas do mundo da Comunicação.

A obra entra na proliferação dos impressos e estendia a palavra introduzindo assim novos sentidos para o mundo narrado. Uma preocupação para os órgãos censores já que a palavra im-

* Mestre em Comunicação e Cultura. Professor da Escola Superior de Administração, Marketing e Comunicação (ESAMC) – Sorocaba – SP, Brasil. E-mail: gabriotimestrando@hotmail.com

pressa representava a possibilidade da difusão de ideias perigosas. Em 1808, surge nosso primeiro jornal impresso: *Gazeta do Rio de Janeiro*. Passa ainda pelo desenvolvimento da tipografia mostrando como Oralidade e Letramento continuavam misturados por meio de códigos sociais.

Chegam então as tecnologias do século 20, que passam a decifrar o mundo pela Comunicação de massa, geradora de uma segunda representação que mediava o que era visto. O oral migra para o som reproduzível tecnicamente e a fotografia congelava o tempo e o espaço do vivido.

Nesse novo regime de comunicabilidade, aparece o rádio cujo princípio foi a radiotelefonia que permitia aos indivíduos montar suas estruturas de telefone sem fio para a diversão da família mesmo com a recepção, em um primeiro momento, individualizada. Em seu modelo conhecido, enquanto aparelho fixo e coletivo materializa-se, a utópica possibilidade de Comunicação por meio do invisível.

Se a imagem fixa da fotografia era objeto de forte visualidade, a imagem em movimento se torna a linguagem do cinema. Não é um meio tão explorado no livro, mas abre espaço para o veículo que certamente representa uma mudança de paradigma tanto na Comunicação como na sociedade brasileira: a televisão. Tratada pela imprensa como a “caixa mágica”, ela agregou a imagem ao sonoro. Suas operações começaram de forma improvisada, em 1950, com a TV Tupi.

Para todo somatório de práticas humanas ante a Comunicação, Marialva Barbosa parte do pressuposto de Hobsbawm para dizer que pretérito é tudo aquilo que existiu antes do que pode ser registrado na memória de cada um. O Brasil da década de 60 foi marcado por turbulências políticas, em especial, o Golpe de 64. O poder atravessou os meios de Comunicação pela censura. Acontecimentos que irrompem a rotina passam a inscrever uma nova temporalidade frente ao público. São os resultados da política estadonovista que usou os meios massivos para instituir o pensamento dominante. Estratégia que começou no rádio, mas, ecoou na televisão, afinal, por meio dela, se construiu o nacionalismo no pilar da integração de todo o Brasil. Investimentos em teleco-

municações deram origem à Embratel que uniu pontos distantes da nação, ligados a partir de 1969 pelo Jornal Nacional, da Rede Globo. Coube ao Jornalismo a tarefa de construir a lógica de um território brasileiro uno e indivisível.

A aproximação do público ao meio se dá, segundo a autora, pela transformação das agruras do cotidiano em modos de narrar. As novas tecnologias fazem da Comunicação um mundo ao alcance das mãos. A passagem do analógico ao digital marca a transformação dos modos de comunicar nos últimos 20 anos do século XX alterando radicalmente as noções de Tempo e Espaço. Agora, o Tempo assume uma condição de presente expandido que vai ao clímax do ultra-atual e o Espaço significa estar em todos os lugares. Nessas novas *representâncias*, como defende Paul Ricouer, os atores que transitam pelo Tempo e pelo Espaço são produtores de informação. Essa aceleração de tempo e a reconfiguração do espaço ganham forma com a internet e também com a mobilidade dos telefones celulares, nos anos 90. Estar próximo a qualquer tempo gera uma permanente tensão entre a temporalidade particular de cada cultura e da temporalidade mundo.

Das incertezas do mundo digital, as explicações de um presente estendido, que não é o futuro, vão delinear nossa vida pela dimensão histórica, afinal tudo é transitório beirando construções e reconstruções. Agora são os indivíduos quem transitam pelos meios, isto é, dão bases para que certo dia, alguém ou a própria professora Marialva Barbosa venha se ocupar exaustivamente da avançada História da Comunicação no Brasil.